

*Loris Notturmi, IWA: entrevistado por Daniela Guizzo, IBPW/IWA**

**Link para a entrevista no Instagram do IBPW:
https://www.instagram.com/p/CsKSEikJD_D/**

Daniela Guizzo

Seja bem-vindo, Loris! Loris Notturmi é graduado em Filosofia e Letras pela Universidade de Liège, na Bélgica. Ele concluiu seu mestrado em Filosofia em 2008, e habilitou-se em Filosofia em 2010, tornando-se assistente no curso de Antropologia filosófica e Filosofia das ciências humanas, também na Universidade de Liège, de 2011 a 2012. Fez especialização em psicanálise winnicottiana pela Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo, em 2012, e é fundador do grupo de estudos winnicottianos na Universidade de Liège, cujos trabalhos aconteceram de 2013 a 2016. Loris foi secretário geral da IWA em 2017 e é doutor em filosofia pela Universidade de Liège, com uma tese sobre Kant e Winnicott. Loris também foi palestrante e professor no Cine Brasília e no *Sino-Brazilian International Training Program*, na China.

Para essa entrevista com Loris, eu li 3 artigos dele: “Perspectivas antropto-teleológicas a partir de Winnicott, uma contribuição winnicottiana para filosofia”, “O filósofo e o bebê. Questões epistemológicas e filosóficas da clínica winnicottiana” e “O si-mesmo emergente e a emergência do si-mesmo: as recentes críticas de D. Stern e C. Tervarthen alcançam Winnicott?”.

Bom, Loris, seja bem-vindo ao Boletim Winnicott no Brasil, em nome do IBPW, agradeço a sua disponibilidade para conversar conosco. Eu queria fazer para você a pergunta que eu faço para as pessoas que se dispõem a conversar aqui comigo: como você entrou em contato com o trabalho de Winnicott? Quando que você iniciou seus estudos?

Loris Notturmi

Queria começar agradecendo você, Daniela. Obrigado pelo convite. É boa, essa primeira pergunta. Estava no fim do meu mestrado, quase 20 anos atrás. Estava assistindo um curso,

* Entrevista originalmente veiculada ao vivo no Instagram, em 12 de maio de 2023.

aulas de antropologia hegeliana dadas pelo professor Jean-Renaud Seba, que foi o meu orientador – uma pessoa que gosto muito e pela qual tenho muito respeito. Nessa aula, o professor Seba fez uma aproximação entre Hegel e Winnicott, referindo-se ao percurso da alma, em que você se torna uma consciência, conforme a perspectiva antropológica de Hegel e Ele referia-se à experiência da ilusão quando mencionou Winnicott, foi a primeira vez que ouvi esse nome. Nessa época, estava trabalhando sobre a questão da ilusão na obra do Kant, mais especificamente na primeira crítica kantiana.

Quando ouvi esse trecho de Winnicott foi uma forma de revelação. Senti interesse, sabe? Uma perspectiva muito grande se abriu, coisas que nunca pude pensar antes. Então começo a estudar Winnicott, enquanto continuava trabalhando sobre Kant.

Na Bélgica não tem, ainda hoje, ninguém que domine esses dois autores. Então o Professor Jean-Renaud Seba me incentivou a passar alguns meses aqui em São Paulo, porque tinha uma pessoa que dominava esses dois autores: o professor Loparic. Então, do ponto de vista pessoal, foi o início de uma experiência dupla. De um lado, tomar conhecimento da obra de Winnicott. E por outro lado, a experiência paulistana, no Brasil. Então faz parte do meu percurso pessoal.

Daniela Guizzo

Que bom que ele conhecia o professor Loparic e te indicou, não é, Loris?

Loris Notturmi

É. No início, eu não conhecia o professor Loparic, que é amigo do professor Seba, o meu orientador. Então, o professor Loparic foi uma vez para a Bélgica, e quando conversamos ele me disse “Você será bem-vindo em São Paulo. Eu tenho pessoas que trabalham de modo sério sobre Winnicott e você encontrará uma vida intelectual movimentada por lá”. Então vim para São Paulo. A primeira vez foi em 2002, 11 anos atrás. Quase 12 anos atrás!

Daniela Guizzo

Bom, quero conversar um pouco sobre um artigo seu que eu li intitulado “Perspectivas antropto-teleológicas do pensamento de Winnicott. Uma contribuição winicottiana para a filosofia contemporânea”. Até onde eu entendi, Loris, você escreveu que a questão sobre a experiência de uma natureza humana é um ponto cego e há muitos debates filosóficos contemporâneos nesse artigo, não? Para tanto, você citou uma afirmação de Winnicott, na qual ele escreveu que o objetivo da psicanálise deve consistir num estudo da natureza humana. Você

escreveu também que Winnicott nos lembra que toda a filosofia é basicamente uma atividade humana, ela reflete a natureza humana.

Então eu gostaria de saber como que essa afirmação de Winnicott e o estudo da teoria do amadurecimento ajudaram você a iluminar esses pontos cegos dos debates filosóficos contemporâneos? Você demonstrou que Winnicott oferece uma revisão radical da filosofia e dos seus problemas fundamentais por meio de uma perspectiva que você denominou no artigo de antropto-teleológica, nesse sentido, eu queria saber também qual a articulação que você fez com a filosofia de Husserl?

Loris Notturmi

É, eu acho que esse artigo foi publicado na revista *Natureza humana*, mas não tenho certeza. Está disponível on-line, com certeza. Esse artigo não é tão difícil. No fundo, o que fiz foi o seguinte: coloquei Husserl, o filósofo e fundador da fenomenologia, ao lado de Winnicott, para criar um contraste. Edmund Husserl, no fim da vida dele, reclamava do que o Max Weber descreveu como “desencantamento do mundo”, *Entzauberung der Welt*, em alemão. É uma tendência de intelectualização dos fenômenos naturais. A prevalência da objetividade e das ciências positivas da matização da natureza, matização dos fenômenos humanos também.

Husserl descreveu como uma tendência da *sciencia europeana*. Ele não gostava dessa tendência, reclamava. Para ele, é uma causa da crise. Esse texto do fim na vida de Husserl se chama *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Husserl queria voltar a uma filiação do sentido, ele buscava uma maneira de voltar a uma prática científica pautada pela razão, abandonando a abstração de método que ele observava em sua época. Ele esperava que a fenomenologia neutralizasse essa tendência desencantada.

Do meu ponto de vista, o que eu queria salientar nessa palestra, na verdade, é que a fenomenologia não pode neutralizar essa tendência, fazer uma contrapartida dessa tendência de intelectualização, de matematização dos fenômenos naturais e humanos. Por uma razão que não é óbvia: a fenomenologia, ela mesma, foi um sintoma desse desencantamento. Então, eu queria contrastá-lo com Winnicott, com o pensamento clínico e teórico de Winnicott, entendido como uma forma de reencantar nossa aproximação dos fenômenos humanos. Despertar esses fenômenos na observação da clínica.

O que eu queria destacar é que a fenomenologia, no fundo, parece, do ponto de vista winnicottiano, com uma posição autística. A prevalência da consciência pura no mundo, sem possibilidade de constatar, de exprimir, de descrever a origem e a história dessa consciência,

me pareceu uma coisa difícil de entender. E Winnicott ofereceu essa possibilidade de esclarecer o percurso originário da consciência filosófica. Para mim, isso faz parte das coisas importantes que ele ofereceu à filosofia: uma perspectiva genética da relação com as coisas e com os outros, e da consciência da fenomenologia, por exemplo. Eu queria ler um trecho pequenininho desse artigo.

Daniela Guizzo

Fique à vontade, pode ler sim, é muito esclarecedor para quem está nos ouvindo.

Loris Notturmi

Então, vou ler um trecho no final do artigo, para esclarecer o que eu descrevi como uma antropto-teleologia. Teleologia é uma palavra kantiana, teleologia, é um modo de apreciação dos fenômenos vivos. É a segunda parte da terceira crítica kantiana, que marca, para mim, uma posição filosófica muito sutil e muito poderosa. Estou usando para pesar, constatar, observar e para mostrar a consistência epistemológica das teorias do amadurecimento de Winnicott. É o que eu mostrei na minha tese.

“O estudo da natureza humana de Winnicott oferece grande ajuda para repensar a atividade filosófica com vistas às suas próprias condições históricas e sociológicas, para reinscrever os problemas filosóficos fundamentais em uma teleologia do sentido, elucidar a constituição desses problemas (ou de sua ausência) à luz do amadurecimento da relação do subjetivo e do objetivo, da ilusão e da desilusão, em sua relação ativa e contingente, a qual não pode sofrer uma dissociação definitiva sem o risco de cair em duas formas de dogmatismo ontológico: de um lado o autismo de *Schwärmerei* [fantasia] e de outro o absurdo de uma lógica pura, de uma intelectualização desencarnada pura. Além da clínica, a teoria do amadurecimento pode servir às possibilidades de uma perspectiva antropto-teleológica – nosso trabalho agora é projetar e expor”.

Então, meu objetivo não é de psiquiatrizar ou psicologizar a atividade filosófica, e sim esclarecer as condições históricas e empíricas de surgimento de vários problemas filosóficos, que na academia e na história da filosofia são apresentados como se fossem problemas vindos dos céus, sabe? Flutuando no céu, como questões eternas do mundo das Ideias de Platão. Na verdade, o que o Winnicott mostrou é que muitas questões filosóficas surgiram do percurso existencial de uma pessoa na vida, com as tarefas e obstáculos humanos. Então, é uma perspectiva totalmente nova, do meu ponto de vista. E não era psicologia pura, não é psicanálise. Faz parte de uma perspectiva antropológica com uma perspectiva ou uma dinâmica

teleológica, que significa o dever dessas questões na vida, o dever dessas questões na história. Me parece interessante.

Daniela Guizzo

Sim, sim, é um estudo muito aprofundado. Você escreveu para *Natureza humana* e apresentou num colóquio esse artigo?

Loris Notturmi

Há 7 anos atrás, aqui em São Paulo. Tenho muito respeito por Husserl. A história pessoal dele é triste, ele sofreu muito, perdeu filhos na guerra e, no fim da sua vida, ele estava triste. Eu quis prestar uma homenagem a Husserl. Então, sim, é um artigo que tem uns 7 anos, mas eu mantenho aquelas posições, que ainda são as minhas.

Daniela Guizzo

Obrigada, Loris, por nos falar sobre seus estudos. Agora vamos falar um pouquinho sobre o artigo “O filósofo e o bebê: questões epistemológicas e filosóficas da clínica winnicottiana”. Neste texto, você escreveu que o seu próprio pensamento filosófico deve muito à clínica, mesmo você não sendo um clínico. Ali, você fez uma reflexão sobre a clínica, a interdisciplinaridade e sobre a importância, para os filósofos, das questões epistemológicas da clínica winnicottiana. Você fez a distinção entre dois tipos complementares de interdisciplinaridade na clínica: uma teórica e uma terapêutica. Você disse que tomou consciência do caráter fundamentalmente interdisciplinar do pensamento clínico de Winnicott que, segundo o seu artigo, impregnou profundamente sua obra. Nele, você fez uma série de citações mostrando como o próprio Winnicott combinava diversas disciplinas: a medicina, a psiquiatria, a pediatria e a psicanálise. Para mim, esse artigo foi mais fácil de entender, porque sou clínica, achei muito esclarecedor e didático. Vou até encaminhar para os meus colegas. Você poderia falar um pouco sobre este artigo?

Loris Notturmi

Com certeza Daniela. Essa palestra foi produzida para os clínicos. Eu gosto muito de trabalhar, de observar, de perguntar aos clínicos. O meu pensamento é alimentado indiretamente pela clínica, que eu acho muito interessante para os filósofos e para o homem que eu sou.

Então, gostaria de destacar nesse artigo a utilidade do pensamento de Winnicott e demonstrar que a teoria do amadurecimento não se limita à psicanálise. Nós temos que espalhar esse pensamento, porque o próprio Winnicott se dirigia a pessoas que trabalhavam cuidando de

peças, e não a são pessoas pensando sobre o sentido da vida. O que gostaria de salientar é que essas são questões epistemológicas que, no fundo, são a base do trabalho interdisciplinar.

Tem vários exemplos de pertinência dos conceitos da clínica winnicottiana em domínios que a gente não imagina imediatamente. A obra winnicottiana é poderosa e permite determinar e observar coisas sutis. Trata-se de criar um ambiente que considere o cuidado com as pessoas, para permitir que essas pessoas trabalhem e possam viver bem juntos, numa instituição. Isso é uma aposta social. Uma aposta fundamental para mim. É a questão do filósofo que parece afastado das questões sociais, sabe? O filósofo tem que ser envolvido nesses domínios.

Tem um trecho de David Hume, o filósofo inglês, que eu gosto muito e que me marcou. Ele escreveu algo coisa assim: “Seja um filósofo, mas em sua filosofia não se esqueça de ser um homem, um ser humano”. Eu acho que isso é muito importante, é a questão da interdisciplinaridade. Ela deve forçar os filósofos a trabalharem em conjunto com outras pessoas: assistentes sociais, médicos, o pessoal da área pedagógica, sabe? Professores etc.

Daniela Guizzo

Sim, esse seu texto é muito interessante para nós, clínicos. É muito didático. Eu gostei muito da diferença que você faz entre interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Você fala também de interdisciplinaridade terapêutica. Esse artigo está disponível no Boletim Winnicott no Brasil. Dos 3 artigos que eu li, foi aquele com o qual mais me identifiquei. Ele está mais maduro, veio depois daquele primeiro artigo a respeito de perspectivas antropto-teleológicas. Já eram ideias que estavam sendo amadurecidas?

Loris Notturmi

Isso. Faz parte dos meus objetivos desenvolver uma antropologia, uma antropto-teleologia. É um caso prático e técnico. É uma reflexão epistemológica, não um percurso filosófico. É uma perspectiva prática, de feições winnicottianas, sobre a questão da interdisciplinaridade real, isto é, de como ela aparece no trabalho entre pessoas. Então é um artigo mais fácil, porque ele não é tão técnico, tem exemplos, trechos de Winnicott, tem distinções técnicas que são mais fáceis de entender...

Daniela Guizzo

Muito bom... E para terminar a nossa entrevista, vamos falar do terceiro artigo que você me enviou, “O si-mesmo emergente e a emergência do si-mesmo: as recentes críticas de D. Stern e C. Tervarthen alcançam Winnicott?”. Nele, você confrontou o conteúdo das teses de Daniel Stern e Colwyn Trevarthen com a teoria winnicottiana sobre o caráter inato de uma

intersubjetividade do *self*. Você aponta para o problema da pesquisa contemporânea em psicologia infantil questionar a teoria winnicottiana. Eu queria que você me falasse um pouco sobre Stern e Trevarthen. Quem são esses autores e como você os articula a sua leitura de Winnicott? E gostaria também que você comentasse quais os questionamentos e complementos da teoria do amadurecimento mencionados no texto?

Loris Notturmi

Daniel Stern é um pesquisador, autor do livro *O mundo interpessoal do bebê*. Colwyn Trevarthen, escocês, desenvolveu a ideia de uma biologia interpessoal. Daniel Stern compartilha várias posições com Winnicott, mas tem uma diferença essencial: ele não conhecia bem a obra de Winnicott.

Os dois, Trevarthen e Stern, postularam que a intersubjetividade é inata. Para eles, não tem diferença entre narcisismo primário e secundário. Eles se posicionaram frontalmente contra a psicanálise tradicional e incluíram Winnicott nessa perspectiva freudiana. Então me parece que ambos apresentam uma compreensão errônea de Winnicott. No fundo, eu salientei nesse artigo que as críticas que Stern e Trevarthen fazem à psicanálise tradicional, Winnicott já as havia feito bem mais elaboradas.

A posição de Stern é interessante, mas insuficiente do ponto de vista epistemológico. A de Trevarthen é pior, é péssima. Ele misturou psicologia empírica, cognitivismo e comportamentalismo para construir uma posição e um ponto de vista que representam uma regressão terrível em comparação a Winnicott. As posições simples: o bebê, o recém-nascido, já é capaz, desde o início, de diferenciar entre “eu” e “Não eu”; é capaz de estimular reações no ambiente e de configurar o seu ambiente. A razão disso, para Trevarthen, é que o ser humano seria pré-programado para agir dessa maneira. Um argumento muito fraco, não é Daniela? Parece uma ideia antiga, velha, ainda que apresentada com dados técnicos e estatísticos.

O que queria salientar não é a originalidade winnicottiana, mas a consistência epistemológica de Winnicott sobre questões fundamentais, como a da emergência do *self* e a da interpessoalidade – como essas relações surgem e mudam no tempo? Essa é uma perspectiva consistente.

Para Stern, não há uma prevalência da dependência. Para ele, a psicanálise e a neonatologia consideraram demais a questão da neotenia e da independência. Segundo ele, o bebê pequenininho, de 5 dias ou 12 dias, já tem uma independência relacional e social. Então, li e estudei os textos de Stern e Trevarthen, de uma maneira profissional e, no fundo, me

pareceram fracos. Também concluí que Winnicott já havia tecido considerações mais pertinentes, mais sutis e mais sólidas do que esses dois autores contemporâneos, que revelaram possuir um péssimo conhecimento do pensamento de Winnicott.

Daniela Guizzo

Para encerrar a nossa entrevista, eu gostaria de saber como andam os estudos winnicottianos na Bélgica? Você tem um grupo de estudos lá? Como é a receptividade do pensamento de Winnicott na Bélgica?

Loris Notturni

Infelizmente, nós, belgas, não temos, hoje, uma dinâmica intelectual interessante no domínio da psicanálise. Em comparação com essa tendência forte aqui em São Paulo, no Brasil e na América do Sul, de modo geral, na Europa, a psicanálise está morrendo. É óbvio que tem gente estudando a psicanálise e desenvolvendo coisas interessante, mas não é uma tendência geral na academia. Na psicologia universitária de hoje, por exemplo, *psicanálise* é um palavrão. Nesses meios, Winnicott é considerado como “um cara legal”, sabe? Os *squiggles* são “coisas originais” etc. Não há uma consideração mais aprofundada do pensamento de Winnicott na Bélgica, infelizmente. Estou tentando construir e consolidar um grupo, sabe? Mas é muito difícil.

Daniela Guizzo

Mas você já tem um grupo de estudos lá?

Loris Notturni

Sim. É um exemplo de interdisciplinaridade: quase ninguém é psicólogo, a maioria é formada por alunos de filosofia, antropologia, por assistentes sociais e diretores de instituições psiquiátricas, são principalmente esses profissionais que se interessam por Winnicott, muito mais do que os acadêmicos.

Eu acho que os estudos winnicottianos não despertam tanto o interesse das pessoas na Bélgica, nem mesmo na Europa como acontece aqui, no Brasil. Gosto muito de voltar aqui, gostei muito de São Paulo, das pessoas que trabalham com Winnicott, aprendi muito com vocês. O meu percurso e aprendizagem se deram quase totalmente no Brasil. Quero espalhar e transmitir esse meu interesse em Winnicott. Contudo, as tendências são contrárias na Bélgica. Para mim, isso é consequência da prevalência da psicanálise freudiana e da laciana, que são

muito pesadas e que não permitiram o surgimento de perspectivas originais. E hoje, a psicanálise é quase proibida no domínio acadêmico.

Daniela Guizzo

Que coisa! Mas eu acho que aos poucos nós vamos transmitir o pensamento de Winnicott. E é muito importante que você tenha o seu grupo lá.

Muito obrigada pela sua disponibilidade